

A agricultura familiar, enquanto categoria social distinta e heterogênea relaciona-se e interage com diversos tipos de instituições, sejam estas as consideradas oficiais (prefeituras, igrejas, órgãos de extensão rural), ou tácitas (reciprocidade, confiança, amizade, parentesco). Neste sentido, torna-se necessário o entendimento de como se dão tais relações, e quais as influências destas na formação das representações dos agricultores familiares e na emergência de novos formatos mercantis. Posto isso, o objetivo deste trabalho é buscar entender como estas relações são constituídas dentro desta categoria social, e o que isto implica para a economia local e os atores sociais chaves do processo: os agricultores familiares. Foram analisados dados secundários referentes ao ambiente social e econômico da agricultura familiar de três cidades do Rio Grande do Sul, quais sejam, Veranópolis, Morro Redondo, Três Palmeiras e Salvador das Missões. Assim, foi feita uma análise comparativa, com o intuito de abranger os distintos contextos nos quais a agricultura familiar emerge. Como resultado desta análise, viu-se que as instituições consideradas oficiais estão perdendo espaço e credibilidade frente os agricultores, os quais estão organizando sua reprodução social através de relações de confiança e reciprocidade – amparados pelo princípio da dádiva – emergindo daí novos arranjos institucionais. (BIC/Propesq).